

# O orientalismo nas revistas semanais de informação: Islã insano, cismático e imutável



*Luiz Antônio Araujo*

*Mestre em Comunicação e Informação pela UFRGS  
Professor de Comunicação  
no Centro Universitário Univates  
E-mail: la.araujo@hotmail.com*

*Virginia P. da Silveira Fonseca*

*Doutora em Comunicação e Informação  
Professora do Programa de Pós-graduação  
em Comunicação e Informação da UFRGS  
E-mail: vpradelina@uol.com.br*

**Resumo:** Neste artigo, apresenta-se parte de pesquisa que teve o objetivo de identificar a possibilidade de uma mirada orientalista no discurso das revistas semanais de informação na cobertura de temas ligados a árabes, Islã e muçulmanos. Com os dispositivos metodológicos da Análise do Discurso francesa, são analisadas sequências discursivas das revistas *Veja*, *Época*, *IstoÉ* e *Carta Capital*, quando se conclui que essas publicações jornalísticas reverberam três formações discursivas: de um Islã insano, de um Islã cismático e de um Oriente imutável.

**Palavras-chave:** Oriente, orientalismo, jornalismo, revistas semanais de informação.

*El orientalismo en las revistas semanales de información: Islán insano, cismático y inmutable*

**Resumen:** En este artículo se presenta parte de investigación hecha con el fin de identificar la posibilidad de una mirada orientalista en el discurso de las revistas semanales de información en lo que concierne a árabes, Islán, musulmanes. Con los dispositivos metodológicos de la Análisis de Discurso francesa, son analizadas secuencias discursivas de las revistas *Veja*, *Época*, *IstoÉ* e *Carta Capital*. El estudio concluye que esas publicaciones reverberan tres formaciones discursivas: Islán insano, Islán cismático y Oriente inmutable.

**Palabras claves:** Oriente, orientalismo, periodismo, revistas semanales de información.

*Orientalism in weekly information magazines: insane, cysmathic and unchangeable Islam*

**Abstract:** This paper presents part of a research aimed to identify the possibility of an orientalist overview in weekly information magazines' discourse along the coverage of topics related to Arabs, Islam and Muslims. Using methodological resources of French School of Discourse Analysis, authors analyse discursive sequences of *Veja*, *Época*, *IstoÉ* and *Carta Capital* magazines. The conclusion is that magazines reverberate three discursive formations: insane Islam, cysmathic Islam and unchangeable Orient.

**Keywords:** Orient, orientalism, journalism, weekly information magazines.

## Introdução

Este artigo trata dos sentidos produzidos pelo discurso das quatro maiores revistas semanais de informação brasileiras – *Veja*, *IstoÉ*, *Época* e *Carta Capital* – sobre o Oriente. Essas publicações constituem os mais influentes veículos jornalísticos no Brasil, com periodicidade fixa, abrangência e circulação nacional, ampla rede de sucursais no país e correspondentes no Exterior.<sup>1</sup> Também constituem lugar de enunciação particular, atribuindo-se a condição de representantes dos valores mais caros do jornalismo, como

<sup>1</sup> Segundo dados do Instituto Verificador de Circulação (IVC) referentes aos meses de janeiro a dezembro de 2010, a revista *Veja* teve no período auditado uma circulação média de 1.088.191 exemplares; a revista *Época*, de 408.110 exemplares; a revista *IstoÉ*, de 338.861 exemplares; e a revista *Carta Capital*, de 30.703 exemplares. Levantamento publicado no site da Associação Nacional de Editores de Revistas. Disponível em: <<http://www.aner.org.br/Conteudo/1/artigo42424-1.asp>>. Acesso em: 26 nov. 2012.

o de ofertar ao público os traços notáveis da atualidade. Além disso, reservam espaço importante para a interpretação das notícias, reclamam uma relação de compromisso e fidelidade com seus leitores e aspiram a uma identidade gráfica peculiar, na qual as capas mesclam elementos jornalísticos aos da linguagem publicitária e de outros recursos da comunicação de massa.

*Dez anos depois do início da “guerra ao terror”, os acontecimentos da chamada Primavera Árabe constituíram uma ruptura cognitiva e discursiva*

Ao se debruçar sobre a realidade social a fim de dizê-la, o jornalismo dessas revistas convoca saberes oriundos de campos variados a respeito do que deve ser dito, incluindo os relacionados a regiões e povos com os quais o grande público europeu e americano, incluído aí o brasileiro, tem contato reduzido e esparso. É o caso do assim chamado Oriente, como o pensamento europeu nomeia, de maneira genérica, desde a Idade Média, as terras situadas a leste dos domínios do que na época se denominava cristandade, especialmente o mundo árabe-islâmico.

Lançando mão da Análise de Discurso de extração francesa (AD) como dispositivo metodológico, procura-se analisar neste artigo se e de que forma as revistas semanais de informação produzem e põem em circulação uma mirada orientalista sobre eventos e personagens dessa região do mundo.

### **Orientalismo**

Orientalismo é uma noção cunhada por Edward W. Said (1990), teórico da literatu-

ra e expoente dos estudos pós-colonialistas, para designar o discurso que articula saberes relacionados ao Oriente produzidos e organizados no Ocidente por distintas instâncias de poder (colonial e imperial, cultural, político, simbólico). Essa noção representa a crítica mais detida ao pensamento que deu origem à dicotomia Ocidente-Oriente. Conforme o autor, o conjunto de saberes produzidos pela inteligência ocidental a respeito do chamado Oriente constitui uma instituição com discurso próprio, o Orientalismo, cujo objetivo seria controlar, silenciar e dominar seu objeto, missão indissociável do empreendimento colonialista-imperialista da Europa, posteriormente assumido pelos Estados Unidos. O Orientalismo seria, sobretudo, um discurso:

[...] é [o Orientalismo], acima de tudo, um discurso que não está de maneira alguma em relação direta, correspondente, ao poder político em si mesmo, mas que antes é produzido e existe em intercâmbio desigual com vários tipos de poder [...] (Said, 1990, p. 15).

Muitos estudos têm sido consagrados à representação dos árabes e do Oriente na imprensa brasileira em distintos campos das Ciências Sociais e Humanas, como na Antropologia e na Literatura. Pouco, no entanto, tem sido produzido na esfera do Jornalismo,<sup>2</sup> o que justifica o esforço aqui realizado.

Este trabalho parte da premissa de que os efeitos de sentido produzidos e mobilizados pela imprensa brasileira sobre árabes, Oriente e tudo que se refira ao mundo islâmico, especialmente pelas revistas, adquirem relevância especialmente porque fornecem uma chave de compreensão do tema para o público, para os próprios jornalistas e para o conjunto da área das humanidades.

As estatísticas sobre o tamanho da comunidade oriunda do mundo árabe no Brasil, incluindo imigrantes e descendentes são di-

<sup>2</sup> Jornalismo, neste contexto, tomado no sentido de campo de conhecimento, e não de prática social.

vergentes, mas sua presença no país data do século XIX. O número total de muçulmanos no início dos anos 2000 era de cerca de um milhão de fiéis. Levantamento realizado na primeira década do século XXI apontou a existência de pelo menos 58 organizações muçulmanas no país, incluindo mesquitas, centros culturais, sociedades beneficentes e outras formas de associação religiosa (Montenegro, 2002).

Ao mesmo tempo, pelo menos desde os atentados de 11 de Setembro de 2001 e a invasão do Iraque em 2003, as questões relacionadas ao mundo árabe-muçulmano adquiriram um novo relevo para o debate público: subitamente, o jornalismo voltou a popularizar termos como “sunita”, “xiita”, “Sharia”, “burka”, “hijab”, “sheik” e “Talibã”. Dez anos depois do início da chamada “guerra ao terror” deflagrada pelos Estados Unidos, no curso da qual se revalidaram saberes a respeito de árabes e muçulmanos, incluindo sua suposta tendência à crueldade e ao fanatismo e sua inépcia à vida democrática, os acontecimentos da chamada Primavera Árabe constituíram uma ruptura cognitiva e discursiva ao colocar em relevo multidões pacíficas que se insurgiam contra algumas das mais longevas ditaduras do Oriente Médio. A própria designação de Primavera Árabe – que remete à expressão “Primavera dos Povos”, utilizada para nomear as revoluções europeias de 1848-1850 – foi utilizada primeiramente pelo jornalismo e, em seguida, reproduzida pelas ciências sociais e humanas, num eco que parece admitir similitudes entre as histórias de civilizações longamente tidas como opostas, a europeia e a árabe-muçulmana.

### Estratégias metodológicas

A pesquisa que dá origem a este artigo foi em busca de esclarecimento para a seguinte questão: quais os sentidos mobilizados pelas revistas semanais de informação brasileiras – *Veja*, *IstoÉ*, *Carta Capital* e *Época* – ao abordar

acontecimentos relacionados ao mundo árabe e/ou islâmico, isto é, a tudo que diga respeito ao chamado Oriente? Considerou-se a hipótese de que nas abordagens jornalísticas relativas ao Oriente, ao Islã, a árabes e a muçulmanos, essas publicações produzissem e colocassem em circulação um discurso orientalista, no sentido dado ao termo por Said (1990). Procurou-se, então, analisar os efeitos de sentido produzidos pelo discurso jornalístico dessas publicações. Para isso, primeiramente procurou-se identificar formações discursivas (FDs) nos textos que de alguma forma guardassem relação com temas como Oriente, Islã, árabes e muçulmanos. Também se procurou mapear os efeitos de sentido mobilizados por essas formações discursivas, para, por fim, relacionar os sentidos mobilizados pelas formações discursivas ao discurso orientalista, visando perceber possíveis aproximações e/ou eventuais contradições.<sup>3</sup>

Por formação discursiva, entende-se uma espécie de região de sentidos, circunscrita por um limite interpretativo que exclui sentidos opostos (Benetti, 2008, p. 112). Segundo a autora, este segundo sentido, por sua vez, constituiria uma segunda FD.

Por meio da leitura e análise dos textos jornalísticos das revistas, procurou-se identificar algumas dessas formações, que permitem o mapeamento das formações ideológicas nas quais se inscrevem e que constituem uma “segunda camada” do discurso (Benetti, 2008:111). As formações ideológicas se relacionam a classes e frações de classes e, por meio delas, é possível mapear instâncias de poder (colonial, imperial, político, simbólico) ligadas a uma determinada formação discursiva.

O corpus da pesquisa foi constituído por Sequências Discursivas (SDs)<sup>4</sup> extraídas de 53

<sup>3</sup> Conforme Benetti (2007:112), a análise dos sentidos de um discurso começa pela identificação das formações discursivas (FDs). Para o mapeamento dos sentidos seria preciso limitar o campo de interpretação aos “sentidos nucleares”, isto é “a reunião, em torno da FD, de diversos pequenos significados que constroem e consolidam *aquele sentido nuclear*” (grifo da autora). Assim, existiriam tantas FDs quantos sentidos nucleares for possível encontrar em um texto.

edições das revistas *Veja*, *Época*, *IstoÉ* e *Carta Capital*, todas do ano de 2011. Em cada edição, as SDs foram retiradas de reportagens, entrevistas, notas e editoriais que continham as expressões “Oriente”, “oriental”, “Islã”, “islâmico”, “árabe”, “árabes”, “muçulmano” e “muçulmanos”. Com essa estratégia, chegou-se a um universo de 70 textos de *Veja*, 41 de *Carta Capital*, 26 de *IstoÉ* e 41 de *Época*, num total de 178 unidades de texto. Uma leitura prévia, seletiva, permitiu que se organizasse o *corpus* com 10 textos (listados no Quadro 1) nos quais foram identificadas 15 SDs, que remetem a Formações Discursivas (FDs).

Oriente, ou seja, três regiões de sentido que permeiam os textos, excluindo significados opostos.

a) a de que o Islã em geral, e o fundamentalismo islâmico em particular, devem ser compreendidos em termos de cognição e de saúde mental (FD1), à qual nos referiremos neste trabalho também por meio da denominação “Islã Insano”;

b) a de que o Islã é uma religião cismática (FD2), à qual nos referiremos também como “Islã Cismático”;

c) a de que o mundo árabe e islâmico tem uma essência imutável, que se mantém desde a Idade Média e mesmo períodos anterior-

**Quadro 1: Relação de textos analisados**

Revista	Edição	Página	Título/Número do texto
Veja	2233	106-107	Um prefácio ao horror (T1)
Veja	2249	122-123	Eufóricos ou depressivos (T2)
IstoÉ	2162	88-90	As conexões de um louco (T3)
IstoÉ	2155	16	O vírus que salva (T4)
Veja	2233	130	O mapa da encrenca (T5)
Veja	2203	78	As 7 pragas do Egito (T6)
IstoÉ	2155	86	A epidemia da liberdade (T7)
Carta Capital	642	62	A Cosmopolitan da Jihad (T8)
Carta Capital	631	34-37	O Hezbollah chega perto (T9)
Época	706	88-90	O caminho passa pela Turquia (T10)

### As Formações Discursivas

Por meio das SDs extraídas das unidades de texto relacionadas no Quadro 1, foi possível identificar os contornos de três Formações Discursivas (FDs) relacionadas ao

res, caracterizada por autoritarismo, violência, crueldade, fanatismo e malícia (FD3), à qual nos referiremos também como “Oriente Imutável”.

## FD1 - Islã Insano

Embora tenha se referido de forma muito breve à ideologia em *Orientalismo*, Said (1990) deixou entrever os contornos daquilo que pode ser definido, no escopo da AD, como grande formação ideológica relacionada ao discurso orientalista. Dir-se-ia que essa formação ideológica, que se consolidou ao longo de um período histórico que praticamente coincide com a história da Europa, baseia-se em dois grandes eixos: o primeiro, o da separação entre Oriente e Ocidente; e o segundo, o da existência de uma “essência oriental”, uma natureza primordial que deve ser desvendada e esquadrihada e que justifica o saber orientalista. Pode-se considerar que, de fato, trata-se de um único eixo. Ao longo da história, no entanto, a separação entre Oriente e Ocidente obedeceu a considerações, no mais das vezes, geográficas e políticas. No que toca à “essência oriental”, porém, foram oferecidas, alternativa e sucessivamente, fundamentações das mais diversas ordens: religiosas, culturais, raciais, políticas, econômicas, sócio-históricas e assim por diante. Cumpre notar que, concluída essa complexa operação epistemológica que consiste em associar uma região a um espécie de caráter essencial e irredutível, retorna-se à separação geográfica inicial, cujo sentido agora desliza para assumir os contornos de uma superentidade capaz de cobrir distintos aspectos da realidade humana.

A tentativa de se utilizar termos médicos, notadamente do âmbito da psicopatologia, em referência ao Oriente, ao Islã, aos árabes e aos muçulmanos não é recente. Desde a Idade Média, o Islã foi associado com frequência a desvio, heresia, bruxaria e licenciosidade. Escritores como Flaubert e Nerval e pintores como Ingres e Gérôme viam o mundo islâmico como o reino da sensualidade. Com a chegada das potências europeias ao Oriente Médio, no século 18, o termo “fanático” passou a ser preferencialmente usado em relação às populações locais (Robinson, 2002, p. 18). A emergência do estudo de árabe e dos estudos orientais não foi

suficiente para erradicar esses preconceitos, que sobreviveram até o século 20. A relação entre Islã e puritanismo é relativamente recente, tendo sido disseminada após a Revolução Iraniana de 1979 e reforçada depois do 11 de Setembro.

### Quadro 2: Sequências Discursivas FD1

#### Veja

#### T1 SD1 106-107

Às vezes, contudo, opiniões e atos de indivíduos movidos por motivos estúpidos, associados ao oportunismo, ao preconceito e à intolerância, bastam para alterar o curso da história. O fundamentalismo islâmico – definido como uma visão totalitária e retrógrada da religião muçulmana – é um desses fenômenos alimentados por lideranças **mentalmente estreitas**, mas muito eficientes em atrair massas descontentes.

#### T1 SD2 106-107

Qutb tinha um **problema pessoal** com o estilo de vida ocidental: em 1949, ele estudou nos Estados Unidos e ficou **incomodado** com o comportamento dos americanos, os quais considerava **sexualmente promíscuos**. Ou seja, por ser **pudico** (e também por ter sido **rejeitado** por uma americana), **odiava** o Ocidente. Eis uma razão estúpida.

#### T1 SD3 108-109

E a sombra de Bin Laden se projeta sobre milhões de muçulmanos como a de um mártir sacrificado, e não a de um assassino **psicopata** que impingiu ao islamismo uma injusta marca de **maldade**.

#### T2 SD4 122

O Iêmen é um país tão desolado, tribal e dividido por **pulsões** secessionistas que faz a Líbia parecer um posto avançado da civilização. Um dos poucos passatempos nacionais é mascar folhas de *khat*, planta com efeitos **eufóricos** usada de maneira parecida com a da coca nos países andinos.

**T2 SD5 122**

Como é natural quando se vive à sombra de um país maior e mais rico, os iemenitas têm certeza, **nas fases de depressão**, de que é do reino vizinho que são comandados.

**Isto É****T3 SD6 88**

Mesmo assim, as **menções a atentados no Exterior e as citações de ideias religiosas** levantaram suspeitas que a polícia ainda não pode ignorar. O fascínio de Wellington por extremistas fica claro em imagens divulgadas pela polícia na sexta-feira 15, nas quais aparece com poses de homem-bomba.

**T3 SD7 89**

Os textos deixados por Wellington podem oferecer pistas, mas separar o delírio da realidade é um dos grandes desafios dos investigadores. Em um deles, o atirador menciona dois homens que seriam estrangeiros, Abdul e Phillip, e representantes no Brasil de uma certa “organização”. “Quando os conheci e revelei tudo, fui muito bem aceito e houve uma grande comemoração”, escreveu o rapaz, que dizia gastar quatro horas por dia lendo o “**Corão**”, o **livro sagrado do islamismo**. Mas, certamente devido à sua perturbação mental, entendia tudo errado.

**T4 SD8 16**

A liberdade é o vírus do momento. Um ser invisível, que contagia de forma rápida e ultrapassa fronteiras numa saudável pandemia. Na costa árabe do Mediterrâneo, parece incontrolável. Quando ele ataca, **provoca febres de esperança, ânsias de democracia, histeria coletiva por direitos. Países inteiros tremem, regimes se debilitam e, em casos extremos, morrem.**

**Época****T10 SD9 90**

Em meio ao colapso, Atatürk chegou à

conclusão que selaria o destino do país. Para ele, a presença da religião islâmica em toda a estrutura de poder do império foi a determinante para seu atraso institucional e, conseqüentemente, sua queda. Atatürk decidiu então dissociar a política da religião.

A Constituição republicana não estabeleceu o islã como religião oficial – a Carta turca atual, de 1982, não faz uma única menção ao termo.

Se religião e Estado eram vistos como instâncias inseparáveis para os islâmicos, os kemalistas, como eram chamados os seguidores de Atatürk, concluíram que a melhor forma de manter o islã fora da vida política era colocá-lo sob controle do governo. Foi criado, então, o Departamento de Assuntos Religiosos (Diyanet), responsável por supervisionar a educação islâmica em todo país. Nascia o islamismo estatal turco.

As aulas de religião com orientação no islamismo sunita, predominante na Turquia, são obrigatórias. Qualquer outra instrução religiosa deve ser feita por conta própria. Todos os 60 mil imãs (sacerdotes que dirigem as preces nas mesquitas) são funcionários públicos.

Os sermões e outras mensagens religiosas são enviados pelo governo, que fiscaliza de perto se nenhuma mesquita está fugindo do *script*. Com isso, os imãs têm pouca ou nenhuma liberdade para interpretar os textos sagrados a sua maneira. A ideia é evitar o surgimento de líderes religiosos carismáticos, capazes de mobilizar extremistas contra o Estado secular e fomentar a guerra santa anti-Occidente. A importância dessa questão para o governo turco pode ser medida por meio do espaço ocupado pela Diyanet em sua estrutura. O departamento está vinculado ao primeiro-ministro, conta com mais de 106 mil

servidores (incluindo imãs) e possui um orçamento anual de US\$ 1,5 bilhão.

**Na Turquia, o islamismo é controlado com rédea curta.**

A eficácia de um discurso pode ser medida pelo grau de literalidade que assume, ou seja, pela medida em que os sentidos a ele associados são naturalizados. Em relação às SDs do Quadro 1, pode-se afirmar que dificilmente poderiam ser enunciadas a propósito de qualquer outro fato ou ente que não o Oriente. Esse efeito de sentido é uma das grandes realizações do orientalismo. Inversamente, sua maior debilidade é o fato evidente de que, se qualquer uma das SDs supracitadas dissesse respeito a europeus, norte-americanos, latino-americanos ou mesmo hindus ou judeus, seria possível esperar a emergência de efeitos de sentido relacionados a ofensa, difamação e racismo.

Note-se ainda que, mesmo no interior de referências positivas (SD8) relacionadas aos anseios de liberdade expressos pelos acontecimentos da Primavera Árabe, é possível encontrar marcas como “febres de esperança, ânsias de democracia, histeria coletiva por direitos”, numa associação entre sintomas fisiopatológicos ou psicopatológicos, de um lado, e acontecimentos de natureza social e política, por outro. O Estado democrático de direito está ancorado na noção de Direito Positivo, uma construção política, cultural e legal inerente à modernidade. Ao associar o movimento por liberdades e garantias democráticas a estados patológicos, a SD8 sugere que os povos protagonistas da Primavera Árabe são pacientes clínicos, que, no que toca à autodeterminação, podem no máximo exibir sintomas, mas não responder pelos próprios atos.

Finalmente, a “insanidade” apresenta-se em reportagens em que foi preciso explicar e contextualizar acontecimentos de vulto. T1 é publicado na edição de *Veja* consagrada aos 10 anos do 11 de Setembro, efeméride de ampla repercussão mundial; T2, também

de *Veja*, na retrospectiva do final do ano de 2011, na qual se recompilam e interpretam as notícias mais importantes do período; T3, de *IstoÉ*, na edição seguinte à do massacre na Escola Municipal Tasso da Silveira, em Realgono, no Rio de Janeiro, que deixou 12 mortos e 12 feridos; e T4, também de *IstoÉ*, no editorial da edição dedicada ao início do levante contra o regime de Muamar Kadafi, na Líbia. Com esse tipo de texto, o jornalismo dessas revistas concretiza a tarefa de oferecer a seus leitores uma explicação dos acontecimentos, para além da simples reprodução de informações cotidianas.

Para *Veja*, por exemplo, o significado mais profundo da Primavera Árabe foi a afirmação do ódio religioso: “É justamente esse o processo em curso agora no Oriente Médio” (*Veja*, ed. 2206, p. 11). Essa afirmação surpreendente é feita em março de 2011, quando muçulmanos e coptas antimubarakistas rezam lado a lado na Praça Tahrir, no Cairo, em comemoração à queda da ditadura, e dissidentes do regime de Kadafi se aliam a chefes tribais da Cirenaica e a ex-prisioneiros da CIA por suspeita de terrorismo no início da revolução líbia. Se a Primavera Árabe teve um traço religioso, foi certamente o do ecumenismo, ou melhor, da absoluta unidade de ação entre indivíduos e forças políticas de diferentes credos pela derrubada dos ditadores. As pequenas correntes fundamentalistas, muçulmanas ou cristãs, passaram décadas encetando o terror e o ódio étnico e religioso no norte da África. Quando as massas tunisianas, egípcias e líbias acorreram às praças, de forma pacífica e tolerante, com cartazes e palavras de ordem que pediam a democracia, e conseguiram paralisar os regimes que as assombravam, o papel do fundamentalismo foi nulo.

Pode-se afirmar que, mal ou bem, partidos e correntes religiosas foram os principais beneficiários do novo ambiente de liberdades surgido após a Primavera Árabe. Mas é, no mínimo, um equívoco considerar que o ódio religioso seja o substrato comum a or-

ganizações como a Irmandade Muçulmana, no Egito, o Ennada, na Tunísia, e as distintas correntes que participam do novo regime líbio. Essas agremiações têm histórias e experiências políticas distintas e não agem como um bloco monolítico. Partidos religiosos árabes costumam desfrutar de prestígio em países nos quais abraçaram causas populares, como a luta contra a monarquia no Egito, contra o domínio colonial na Tunísia ou contra os ataques israelenses à Faixa de Gaza. Antes que qualquer pensador muçulmano fundamentalista defendesse a atualidade do califado no Egito, a Irmandade Muçulmana já administrava uma ampla rede de organizações de caridade e abordava problemas que tocavam os corações e as mentes de populações analfabetas e recém-chegadas do campo, com o advento da modernidade e o fim da família e do modo de vida tradicionais. Como afirma Said:

[...] Um dos pontos que sustentei aqui e em *Orientalismo* é que o termo “Islã” como é usado hoje parece significar algo simples mas, de fato, é parte ficção, parte rótulo ideológico, parte designação mínima de uma religião chamada Islã. De nenhuma forma verdadeiramente significativa há uma correspondência direta entre o “Islã” na forma comum de uso e a enormemente variada vida que segue no mundo do Islã, com seus mais de 800 milhões de pessoas, seus milhões de quilômetros quadrados de território, principalmente na África e na Ásia, suas dúzias de sociedades, Estados, histórias, geografias, culturas [...] (Said, 1997, p. 1, tradução nossa).

O fundamentalismo não é um fenômeno inerente nem tampouco exclusivo do Islã. Segundo Armstrong (2001, p. 10), a utilização da palavra deve-se aos protestantes americanos que passaram a se autoqualificar de “fundamentalistas” a fim de se diferenciar de protestantes ditos “liberais” no início do século XX. Desde então, o mesmo termo passou a ser aplicado a outras religiões – judaísmo, islamismo, hinduísmo –, ainda que, em cada caso, as características, as ideias e os mé-

todos de ação sejam distintos. O fundamentalismo contemporâneo, no âmbito das três grandes religiões monoteístas, prossegue Armstrong (2001:11), apresenta-se sob a roupagem de uma linha de continuidade com os princípios e as normas mais elementares de cada fé. A imputação ao Islã de um conjunto de práticas que podem ser encontradas, em grau menor ou maior, em outras formações religiosas, sobre as quais se silencia, é um dos mecanismos que permite à FD1 – Islã Inano se naturalizar e adquirir a autoridade de um saber sobre o Oriente. As SDs a ela associadas (Quadro 2) constituem variações relativamente convencionais do discurso orientalista, que, por meio do jornalismo de revista, afirma sua eficácia e sua atualidade. Contemporaneamente, nenhuma delas poderia se sustentar como enunciado científico ou técnico perito em âmbito acadêmico. O jornalismo é a sua reserva natural, o espaço a que foram confinadas a fim de se reproduzir e escapar da extinção. Ou, como afirma Robinson,

Aqueles envolvidos nesta tradição acadêmica [os estudos orientais] consideram-se comprometidos com o estudo objetivo do mundo islâmico. Em anos recentes, de qualquer maneira, e em particular desde a publicação de *Orientalismo*, de Edward Said, em 1978, esses especialistas têm sido acusados de distorcer a verdade, ou seja, de praticar “orientalismo”. As acusações são de que eles explicaram o Islã em termos de certa essência imutável em vez de submetido a processos de diferenciação e mudança similares aos que ocorreram no Ocidente, que criaram um corpo de verdades recebidas sobre o Islã que desfrutaram de autoridade na vida acadêmica ocidental mas têm pouca relação com as realidades muçulmanas, que de fato criaram uma estrutura de conhecimento para explicar a superioridade do Ocidente sobre o mundo islâmico e para justificar sua contínua dominação. *Há um grão de verdade nessas acusações, e mais do que um grão quando chegamos ao discurso popular dos políticos e à imprensa [...]* (Robinson, 2002, p. 15, tradução e grifo nossos).

Cabe uma menção especial à SD9, na qual *Época* refere-se à política religiosa do atual Estado turco. O texto (T10) do qual a SD foi extraída constitui um elogio de tipo raro na imprensa mundial ao atual governo turco, encabeçado pelo primeiro-ministro Recep Tayyip Erdogan. Segundo *Época*, a Turquia “oferece hoje não apenas liderança, mas lições baseadas em seu modelo político e social” (2011, p. 88), e o governo turco, “cada vez mais ativo em sua política externa [...], [...] tem sido recompensado com uma alta popularidade”. Essa “posição de destaque” (2011, p. 89), sugere o texto, começou a ser gestada no início da história republicana turca, quando o líder Mustafa Kemal Atatürk “decidiu então dissociar a política da religião”. Em seguida, *Época* explica a forma singular como essa “dissociação” foi posta em prática pelos partidários de Atatürk: “[...] a melhor forma de manter o islã fora da vida política era colocá-lo sob o controle do governo”. Descreve como funciona, na prática, o modelo turco de dissociação entre religião e política: “aulas de religião com orientação no islamismo sunita, predominante na Turquia, são obrigatórias”, “todos os 60 mil imãs [...] são funcionários públicos”, “sermões e outras mensagens religiosas são enviados pelo governo, que fiscaliza de perto se nenhuma mesquita está saindo do script”. *Época* conclui: “Com isso, os imãs têm pouca ou nenhuma liberdade para interpretar os textos sagrados a sua maneira” (2011, p. 90). E complementa: “A ideia é evitar o surgimento de líderes religiosos carismáticos, capazes de mobilizar extremistas contra o Estado secular e fomentar a guerra santa anti-Occidente” (2011, p. 90).

Há ironia no fato de a política religiosa do Estado turco, descrita de forma tão minuciosa, ser relacionada à “dissociação” entre religião e política. Mais do que isso, toda a SD constitui uma exaltação explícita da ausência de liberdade religiosa: “[...] os imãs têm pouca ou nenhuma liberdade para interpretar os textos sagrados a sua maneira”. Na Turquia, afirma *Época*, “[...] o islamismo é controlado com rédea curta”. Mais do que controle,

existe uma notória instrumentalização política do Islã por parte do regime turco. Não se deve esquecer que a maioria dos cidadãos da Turquia é muçulmana e que a república turca, formalmente secular, adota símbolos islâmicos como o crescente.



*A imputação ao Islã de práticas encontradas em outras formações religiosas permite à FD1 se naturalizar e adquirir a autoridade de um saber sobre o Oriente*

Considera-se, assim, que a FD1 – Islã Insano, identificada por meio das nove SDs listadas no Quadro 2, atravessa o discurso jornalístico das revistas *Veja*, *IstoÉ* e *Época* em quatro textos aparecidos ao longo do ano de 2011. Os referidos textos não são acessórios ou secundários, mas constituem parte importante de edições especiais dedicadas à análise de fatos jornalísticos relevantes, nos quais essas publicações supostamente deveriam se esmerar em, tomando de empréstimo a expressão de *Veja*, “filtrar, classificar, verificar e hierarquizar as informações por sua qualidade e interesse para os leitores” (VEJA, ed. nº 2206, p. 11). Ao fazê-lo, foram caudatárias de um discurso orientalista a respeito de indivíduos, países, regiões e fenômenos que se propunham a observar e retratar de forma equilibrada.

## ● FD2 - Islã Cismático

Mais uma vez, *Veja* comporta um discurso que remonta à Idade Média. As SDs relacionadas à FD2, que chamamos de Islã Cismático, foram localizadas na edição 2233 da revista, dedicada aos 10 anos do 11 de Setembro, e estão inseridas no Quadro 3:

### Quadro 3: Sequências Discursivas FD2

#### **Veja**

##### **T1 SD10 106-107**

No caso do islamismo, esse retorno às raízes refere-se ao reinado dos quatro primeiros califas, sucessores do profeta Maomé. O último deles, Ali, foi morto no ano de 661 d.C. em uma disputa **fratricida** que resultou na corrente xiita, minoritária no Islã, e que até hoje **vive às turras** com a maioria sunita. Ambas têm segmentos radicais, nos quais são chocados os **ovos da serpente** do terrorismo.

##### **T5 SD11 128-131**

Há dez anos, considerava-se remota a possibilidade de haver transformações políticas no Oriente Médio e na Ásia Central. A maioria dos problemas da região permanece – e novos foram criados. Nos últimos meses, fundamentalistas apropriaram-se da retórica da democracia **para substituir regimes estáveis** e, no futuro, **instalar estados islâmicos**.

#### **Isto É**

##### **T3 SD12 90**

Apesar de ter posição moderada, uma fonte da comunidade de inteligência em Brasília questiona o fato de a SBMRJ, que ele dirigiu por vários anos, expor em seu site vários escritos do escritor egípcio Sayyid Qutb, considerado um dos principais defensores da Sharia, a versão mais radical do “Corão”. Além de ideólogo do grupo Fraternidade Muçulmana, Sayyid Qutb é para muitos historiadores uma das principais influências formadoras da rede terrorista Al-Qaeda.

A respeito da ideia de que o Islã é consumido por lutas intestinas e cismático por natureza (FD2), vale citar novamente Said:

[...] Encontramos assim, como uma crença comum nos séculos XII e XIII, que a Arábia era, “nas margens do mundo cristão, um asilo natural para foras-da-lei heréticos” e que Maomé era um astuto apóstata, enquanto no século XX um estudioso orientalista, especialista erudito, é quem demonstrará de que maneira o islã, na verdade, não passa de uma heresia ariana de segunda ordem (Said, 1990, p. 72).

cos” e que Maomé era um astuto apóstata, enquanto no século XX um estudioso orientalista, especialista erudito, é quem demonstrará de que maneira o islã, na verdade, não passa de uma heresia ariana de segunda ordem (Said, 1990, p. 72).

Considerado pelos europeus medievais como originalmente cristão, Maomé foi retratado no nono círculo do *Inferno* de Dante. É notável que a referência à divisão do Islã entre sunitas e xiitas, no século VIII, ocorra para explicar o fato de o fundamentalismo apelar às “raízes” do Islã, como se a tendência à tensão interna, à divisão e à violência fosse um traço distintivo dessa religião em relação a outras.

Não há qualquer indício de que o Islã seja mais cismático do que outras religiões nem que tenha recorrido mais à violência. O Islã xiita, particularmente, não teve qualquer relação com o 11 de Setembro, e o Irã, que concentra a maior população xiita do mundo, apoiou a intervenção militar americana no Afeganistão, contra o qual quase havia ido à guerra anos antes. A referência ao xiismo, aqui, parece ser menos resultado de desconhecimento desses fatos e mais recurso para consolidar a ideia de que o Islã é, desde o início, criador de problemas. Essa tendência é explicitada no próprio subtítulo do infográfico “Conflitos sem Ganho para os EUA”, publicado na edição 2233 de *Veja*, a mesma de T1: “O mapa da encrenca”.

Neste caso, a Primavera Árabe – não nomeada no texto – é resumida como um gesto de apropriação da retórica da democracia para derrubar regimes estáveis e instalar “estados islâmicos”. O silenciamento ocorre por meio da utilização de uma expressão, “regimes estáveis”, que torna dispensável a definição dos regimes desses países como ditaduras totalitárias (Egito, Líbia, Bahrein) ou regimes de parlamentarismo democrático assolados pela corrupção e o clientelismo (Tunísia). A expressão “estados islâmicos” disfarça o fato de que os países de maioria muçulmana existentes no mundo são, em sua esmagadora maioria, estados

islâmicos, que ostentam símbolos religiosos em bandeiras, brasões e hinos e, como tais, mantêm relações normais com a comunidade internacional. Mais uma vez, porém, a intenção não parece ser fornecer qualquer tipo de contextualização histórica, mas a de reforçar o caráter do Islã como inerentemente “perturbador da ordem”.

Ao qualificar ditaduras como a do Egito de “regimes estáveis”, *Veja* alinha-se com o próprio Mubarak, que lançou mão de argumentos similares ao célebre “Depois de mim, o dilúvio”, do rei francês Luís XIV, em face das mobilizações pelo seu afastamento. Não foi a primeira vez que *Veja* encontrou motivos para elogiar Mubarak, ainda que de forma velada. Na reportagem a respeito dos tristes acontecimentos do Cairo na semana de 30 de janeiro a 5 de fevereiro de 2011, quando choques entre mubarakistas e opositores deixaram dezenas de mortos e feridos à vista do exército, a revista resume:

[...] Surgidos do nada, bandos favoráveis a Mubarak avançaram sobre a multidão de manifestantes no centro nervoso – nervosíssimo, aliás – dos protestos, a Praça Tahir (sic), no Cairo. Felizmente, e com toda a certeza obedecendo a ordens superiores, não portavam armas de fogo, considerando-se que muitos foram identificados como membros das forças de segurança. [...] (*Veja*, 2011, p. 76).

A FD2 – Islã Cismático está presente nas SDs 10 e 11, localizadas na edição especial 2233 de *Veja*, consagrada ao importante acontecimento do décimo aniversário do 11 de Setembro. Mais uma vez, não se trata de texto menor ou irrelevante, mas de reportagem especial destinada a interpretar importantes fatos históricos relacionados com o Islã.

### ● FD3 - Oriente Imutável

A FD3 – Oriente Imutável está presente nas SDs 13 a 15, localizadas nas edições de *Veja*, *IstoÉ* e *Carta Capital*. As SDs estão organizadas no Quadro 4, como segue:

#### Quadro 4: Sequências Discursivas FD3

##### *Veja*

##### T6 SD13 76

Assim, as batalhas campais, embora violentas, foram movidas a porretes e pedradas e deixaram poucas vítimas, apesar dos movimentos cinematográficos, com as investidas dos mubarakistas em lombo de cavalo e, **como se trata do Egito, até de camelos.**

##### T6 SD14 82-83

Embora hoje tenha importância reduzida, qualquer coisa que mexa com o petróleo já a 100 dólares o barril afeta os nervos do mundo inteiro. Para chegarem até ele, os petroleiros de pouco calado – o canal é muito raso para os realmente grandes – singram o Mar Vermelho, o que nos remete de volta às dez pragas bíblicas (embora o número 7 tenha ficado no imaginário popular). As trevas e, agora, a chuva de pedras já aconteceram. Ninguém desejava que todas as águas do Egito se transformassem em sangue. O sonho é que a liberdade e a democracia surjam, de fato pela primeira vez em 4000 anos de história, nas terras do Nilo.

##### *IstoÉ*

##### T7 SD15 86

**Uma coisa é certa: os árabes estão se acostumando com algo novo, e ainda terão que aprender a conviver com novas liberdades e lutar contra o veneno das religiões.**

##### *Carta Capital*

##### T8 SD16 62

**Toda a revista feminina é igual? A exceção à regra, então, acaba de aparecer: trata-se de Al Shamikha, publicação on-line recentemente lançada com o objetivo essencial de convencer as mulheres islâmicas da importância de aderir a planos terroristas inspirados pela Jihad,**

**termo que no Ocidente é traduzido comumente como “guerra santa”.**

**T9 SD17 37**

Entrego meus documentos de imprensa a um soldado e peço para entrar no Parlamento. Ele diz que não é possível. Além disso, somente alguns jornalistas selecionados poderão ficar naquela área. O soldado me convida a me retirar. Insisto em adentrar no Parlamento. De repente, sinto um **empurrão**. Dois homúnculos uniformizados, quepes azuis, mas **fortíssimos graças a horas de musculação, sem contar generosas doses de injeções de produtos suspeitos**, me conduzem, cada um segurando um braço, até o último *check point*. Na despedida, repito: “Sou jornalista”. Um deles, cabelos brancos, retruca orgulhoso: “This is the **arab way**”.

A ideia de que o Oriente e o mundo árabe-islâmico, de maneira geral, sejam uma totalidade única não apenas no espaço, mas no tempo, e, como tal, impermeável à mudança, é uma das pedras de toque do discurso orientalista. É isso que autoriza a FD3 – Oriente Imutável, pela qual se pressupõe que qualquer verdade relacionada aos atuais países árabes-islâmicos em dois milênios e meio de história (período que excede em muito o advento do Islã e a expansão árabe para além da Península Arábica) possa ser mobilizada de maneira eficaz. É o que ocorre nas SDs transcritas no Quadro 4, nas quais se destacam referências a camelos, pragas bíblicas, à democracia e às liberdades como algo a que os árabes têm de se “acostumar”. Há também referência à única revista feminina que não é igual às outras (por promover a jihad, traduzida como “guerra santa” no Ocidente). A SD17 faz referência à frase de um segurança do parlamento libanês (por coincidência, o único país árabe no qual uma Constituição dita democrática, ditada pela França, antiga potência colonial, em 1948, está em vigor por mais de meio século)

sobre um certo “arab way” (aparentemente, em referência ao fato de o jornalista não ter podido entrar no prédio do legislativo sem credencial após uma crise política, algo se não corriqueiro, compreensível em qualquer parlamento do mundo).

Todas essas SDs falam de um mundo desconhecido para a maioria dos leitores dessas publicações. Alguns dos autores estão ou estiveram nos lugares sobre os quais falam, o que aumenta a autoridade daquilo que dizem. A referência a camelos utilizados como montarias militares num ataque no qual também foram utilizadas pedras, facas, lanças, catapultas e outras armas que parecem saídas de um museu da guerra, merece o seguinte comentário: “como se trata do Egito”. O leitor é convocado a participar do consenso a respeito de o quão é natural uma carga de camelo (uma legenda de foto na mesma página refere-se a uma “carga da camelaria ligeira”) no Egito; afinal, “se trata do Egito”. O fato de esse tipo de recurso estar sendo utilizado contra opositores não merece recriminação, mas uma referência positiva, por não terem sido utilizadas armas de fogo (na mesma legenda: “selvageria, mas sem armas de fogo”). Da mesma forma, a referência às pragas bíblicas serve mais para mobilizar estereótipos a serviço da principal preocupação de *Veja* (a ameaça islâmica, tema recorrente no discurso da revista) do que para, de fato, “filtrar, classificar, verificar e hierarquizar as informações por sua qualidade e interesse para os leitores” (VEJA, ed. n.º 2206, p. 11). O mesmo duplo critério pode ser identificado na SD9, de *Época*, na qual a política do Estado turco de intervenção e controle em assuntos religiosos é apresentada como uma forma particular de “dissociação” entre política e religião.

### ● Considerações finais

Com base na noção de Orientalismo (Said, 1990), discurso e instituição organizadora de saberes sobre e para o Oriente entendido como

metáfora política do Oriente Médio, do Islã e do mundo árabe (Said, 2003), nos propomos a proceder a uma leitura de textos de revistas semanais brasileiras como exemplares de “coisas-a-saber” designadas, abordadas e ofertadas pelo jornalismo. Recorreu-se, para isso, a procedimentos metodológicos próprios da Análise de Discurso de linha francesa (AD).

Com esta pesquisa, não se esgota, obviamente, a rica variedade de problemas associados ao entrecruzamento entre o discurso orientalista e o discurso do jornalismo. Sem pretender indicar caminhos para pesquisadores de campos tão solidamente estabelecidos, ao encerrar a apresentação desta parte da pesquisa, listam-se brevemente algumas questões que permanecem abertas a investigações futuras.

A presença de formações discursivas orientalistas no jornalismo brasileiro re-

monta a sua própria origem. Há algo de irônico no fato de que o discurso orientalista tenha deitado raízes numa nação que, num passado não muito distante, foi uma colônia às margens do império marítimo português. Iguamente produtivo seria observar em que medida os recentes acontecimentos do mundo árabe-islâmico incidem sobre o conjunto do discurso orientalista. Pesquisadores que se dediquem ao tema encontrarão, certamente, rico e instigante material para análise. Por fim, discurso, jornalismo e orientalismo cruzam-se de forma ainda mais crua no novo ambiente tecnológico-informacional potencializado pela emergência da internet e das redes sociais. Desbravar esse entremeio é uma tarefa aberta à ousadia dos que se dedicam ao assunto.

(artigo recebido ago.2013/ aprovado abr.2014)

## Referências

- ARMSTRONG, Karen. **Em nome de Deus**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- BENETTI, Marcia. “O jornalismo como gênero discursivo”. **Galáxia**, São Paulo, n. 15, 2008. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/1492/964>>. Acesso em: 15 ago. 2013.
- BENETTI, Marcia. “Análise do Discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos”. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia. **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 107-122.
- MONTENEGRO, Silvia. Discursos e contradiscursos: o olhar da mídia sobre o islã no Brasil. **Mana – Estudos de Antropologia Social**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 63-91, 2002.
- ROBINSON, Francis (Org.). **The Cambridge illustrated history of the islamic world**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- SAID, Edward W. **Covering Islam: how the media and the experts determine how we see the rest of the world**. New York: Vintage Books, 1997.
- SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SAID, Edward W. **Orientalismo**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- SOMMA, Isabelle. **Orientalismo na imprensa brasileira: a representação dos árabes e muçulmanos nos jornais Folha de S.Paulo e O Estado de S. Paulo antes e depois de 11 de setembro de 2001**. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Cultura Árabe) – Universidade de São Paulo/Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2007. Disponível em: <[http://www.teses.usp.br/index.php?option=com\\_jumi&fileid=17&Itemid=160&lang=en&id=F7A2AACC210F](http://www.teses.usp.br/index.php?option=com_jumi&fileid=17&Itemid=160&lang=en&id=F7A2AACC210F)>. Acesso em: 20 jun. 2012.

